

OS SINAIS DA CHUVA: PREVISÃO FOLCLÓRICA EM AQUIDABÃ- SE

Eronides Soares Bravo Filho¹
Graduado em Ciências Biológicas

Orientador: Prof.^a MSc. Márcia Brito Nery Alves²
Mestra em Geografia

RESUMO

Com o avanço sem precedente da utilização de novas tecnologias, muitas atividades vêm sendo praticamente extintas, uma prova disso, são as Previsões Folclóricas da climatologia, que no decorrer das últimas décadas estão sendo substituídas por inúmeras razões: surgimento da meteorologia, destruição de florestas, caça predatória de animais, poluição do solo, do ar e da água, sobretudo devido o comodismo provocado pelas divulgações das previsões através dos meios de comunicação. Diante desses fatos, esse artigo se propõe a analisar a utilização e a divulgação das previsões folclóricas das chuvas em Aquidabã, para isso foi aplicado um questionário, com o objetivo de conhecer a aplicabilidade e a importância dessa cultura. De forma que as próximas gerações possam ter um referencial dessa cultura que demonstra a nobreza e a engenhosidade do povo nordestino, além de ter contribuído significativamente para a evolução e sobrevivência da humanidade nos períodos mais conturbados da sua existência.

PALAVRAS-CHAVES: Chuvas. Previsão. Folclore. Aquidabã.

ABSTRACT

With the advanced of the unprecedented use of new technologies, many activities have been virtually extinct, a proof of this are the Folk climatology forecasts that over the past decades are being replaced by a number of reasons: the emergence of meteorology, forest destruction, poaching of animals, pollution of soil, air and water, mainly because of the convenience brought by the disclosures of forecasts through the media. Given these facts, this paper proposes to examine the use and dissemination of forecasts of rain in Aquidaban folk, for it was applied a questionnaire with the aim of determining the applicability and importance of culture. So that future generations can have a reference of that culture that demonstrates the nobility and ingenuity of the northeastern people, and have contributed significantly to the evolution and survival of humanity in the most turbulent periods of its existence.

KEY WORDS: Rainfall. Forecast. Folklore. Aquidaban.

¹ Licenciado em Ciências Biológica pela Faculdade de Formação de Professores de Penedo - Al, Professor do Colégio Estadual Francisco Figueiredo e da Escola Municipal José Félix de Sá. eronides.bravo@gmail.com

² Professora Orientadora e Docente da Pós-Graduação da Faculdade Atlântico, Docente da Universidade Federal de Alagoas e do Instituto Ensino Superior Santa Cecília. marcia.bna@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A partir do momento em que o homem passa a ser sedentário, ou seja, tem moradia fixa e produz seu próprio alimento, houve uma necessidade incontornável de conhecer os sinais que a natureza lhes apresentava como forma de sobrevivência, através dessa necessidade passaram a interpretar com sucesso tais sinais, observando plantas, animais, simpatias, insetos, o sol e a lua. Essas informações foram passadas por séculos de pais para filhos. Mesmo com o avanço tecnológico, essa prática para muitos, principalmente para os nordestinos e alguns estudiosos continuam sendo de elevada importância e necessidade, como respalda de uma forma emblemática o trecho abaixo.

Observadores dos fenômenos meteorológicos fazem parte de uma tradição agrária das mais antigas da civilização humana. Guardam na memória experiências que vêm de muito tempo, de quando a vida dependia exclusivamente da agricultura e as condições climáticas eram fundamentais à sobrevivência da comunidade. (Revista Raízes, Ano 2006, p. 72)

Carece ressaltar ainda que essa atividade milenar vem lentamente perdendo a sua utilidade e credibilidade, seja pela utilização de meios mais fáceis, como os tele-jornais e a internet que divulgam constantemente as previsões ou em função das dificuldades apresentadas pelos profetas em observar esses avisos, por causa da destruição do meio ambiente. Portanto, preservar a natureza é a única forma de se manter viva essa cultura, para Alves (2009, p. 12), a preservação do meio ambiente tem a capacidade de restaurar os vínculos perdidos do homem com a natureza e do homem com o próprio homem.

O trecho a seguir é prova indubitável das afirmações anteriores, visto que o autor retrata de forma clara a percepção dos profetas em relação à inconstância da natureza frente à degradação do meio ambiente.

A opinião de que suas previsões não mais funcionam como costumavam no passado — “Os tempos estão confusos”; “Eu sempre observo a natureza, mas agora está muito confuso, tem muito desmatamento. Acho que o homem está provocando a seca...”; “As “experiências” não valem mais nada, hoje está tudo trocado. As coisas estão muito diferentes do passado. Antes fazíamos uma experiência e a leitura era certa, hoje nada mais dá certo”; “Hoje as “experiências” estão difíceis; o homem matou os bichos e matou a natureza, desmatando tudo”. (FOLHES E DONALD, 2007, p.29)

Essas profecias ressaltam a dedicação, sabedoria e sofrimento das populações que vivem nas regiões mais castigadas do nosso país, pela falta de água e de chuvas, além da

inconstância das chuvas, sofrem pela ausência do poder público, e para preencher essas grandes lacunas, recorrem ao poder divino, já que as autoridades competentes fazem pouco caso dessa situação. Os fatos abordados neste parágrafo são legitimados através do seguinte depoimento.

“Levamos a sério os nossos estudos. Somente quem tem de enfrentar a fome e a sede, por conta da seca, é capaz de entender a importância das nossas previsões. São muitos os que depositam suas esperanças no que encontramos nos sinais da natureza. Se aceitamos expor nossos conhecimentos é porque temos o propósito de ajudar a quem depende da sorte que o tempo nos reserva a cada ano. E até mesmo quando vem tempo ruim, devemos fazê-lo com habilidade”. (Diário do nordeste, 30 de dezembro de 2008)

Diante do cenário de incerteza do clima, popularizou-se a figura dos profetas das chuvas, respeitado e admirado por muitos, para Vidal (2000 apud MAGALHÃES, 2001) "A natureza tem por esporte anunciar, generosamente, as suas intenções", e que "o sertanejo é mestre no assunto, não erra, não se equivoca - fala de certeza".

Apesar do grande carinho e admiração demonstrada por muitos, alguns profetas foram perseguidos e hostilizados por profetizar aquilo que os populares não queriam: a seca, pois muitos acreditavam que eles determinavam o clima daquela região. Para demonstrar ainda a grande importância dos mestres do tempo, o poeta Latino Virgílio no século I a.C, escreveu uma obra dedicada a essas previsões - As Geórgicas -, essa obra serviu de inspiração para a criação do Lunário Perpétuo em 1703 por Jeronymo Cortez Valenciano. Além de Virgílio e Jeronymo Cortez, eminentes personagens do nosso país, como Luiz Gonzaga e Graciliano Ramos retratam cada um do seu modo o dilema e a cultura do povo nordestino.

Sendo o objetivo basilar desse artigo divulgar essas previsões feitas por pessoas simples do campo, que aprenderam a interpretar e utilizar os sinais da natureza, sinais esses, que foram a base para a criação da meteorologia, e que atualmente são pouco conhecidos, além de tudo muitas pessoas desconhecem totalmente essa atividade de prever o tempo através da simples observação dos elementos da natureza. Diante dos fatos citados, essa pesquisa terá como foco principal, oportunizar a divulgação e manter viva essa cultura em Aquidabã, pois, ela exalta a sabedoria do nosso povo e, sobretudo engrandece o nosso município.

2. CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DE ESTUDO

A cidade de Aquidabã distante 98 km da capital Aracaju, localizada na região Nordeste do Brasil, no Centro-Oeste do estado de Sergipe conforme mapas da figura 01. Segundo dados da CPRM 2002 (Serviço Geológico do Brasil), apresenta uma população estimada em 18 220 habitantes, sendo que 9 609 na zona urbana e 8 611 na zona rural, seu clima é tropical atlântico e semi-árido, possui uma área de aproximadamente 370,2 Km², cerca de 41% desse território está incluso no polígono das secas, apresenta uma altitude de 216 m. Sua economia é baseada principalmente na criação de rebanhos como, bovinos, suínos e ovinos, na agricultura produz milho, abacaxi, mandioca e feijão

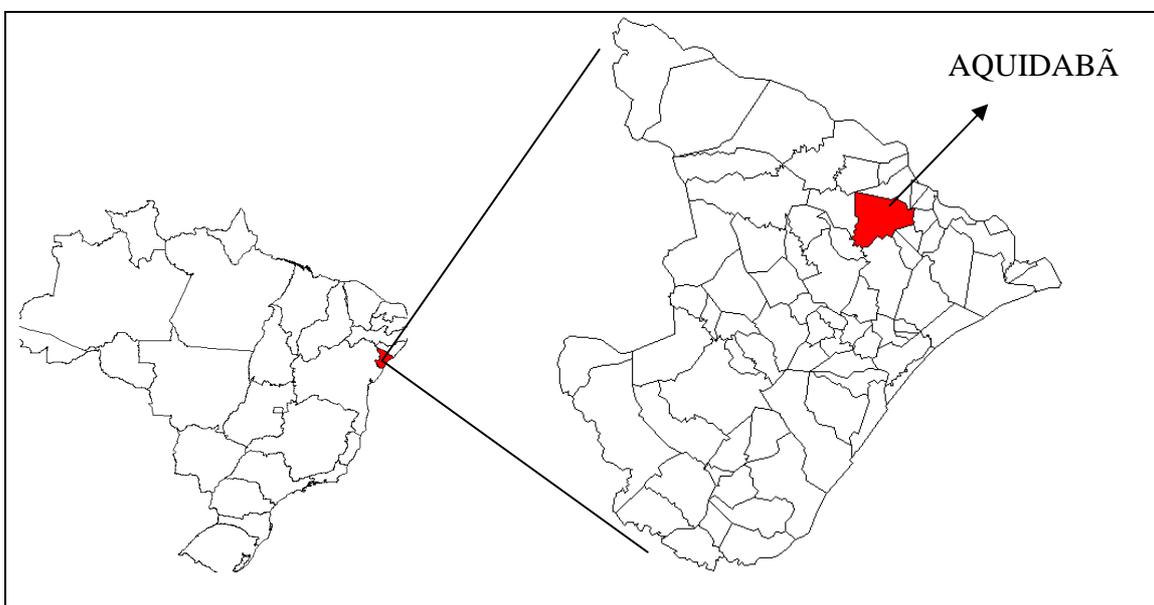


Figura 01: Localização de Aquidabã no Brasil e no estado de Sergipe. Fonte: IBGE 2004.

As Fotos aéreas 2 e 3 da cidade Aquidabã, demonstram de forma clara a destruição quase total das florestas nas proximidades da cidade.



Foto 2: Foto aérea de Aquidabã. Fonte: Prefeitura Municipal de Aquidabã 2001.



Foto 3: Foto aérea de Aquidabã. Fonte: Prefeitura Municipal de Aquidabã 2001.

Aquidabã limita-se ao norte com o município de Canhoba, a oeste com Graccho Cardoso e Cumbe, a sul com Muribeca e Capela e a leste com Malhada dos Bois, Cedro de São João e Telha. Como mostra o mapa da figura 04.

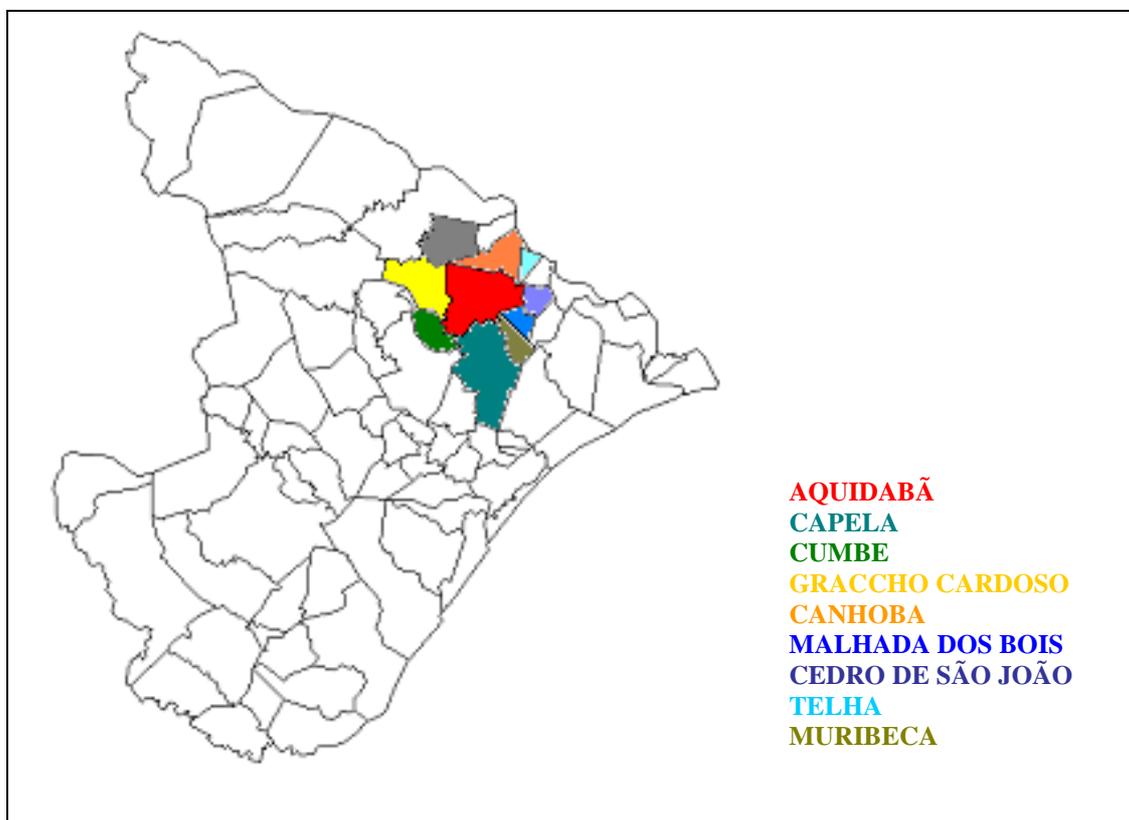


Figura 04: Limites de Aquidabã. Fonte: Adaptada do IBGE 2004.

Na localidade em questão praticamente não existem matas, conforme mapa da figura 05 e fotos aéreas já mencionadas, pois a maior parte das propriedades está ocupada na sua totalidade por pastagem, são poucos proprietários que preservam pequenas áreas de vegetação nativa. Além disso, observa-se o uso abusivo e frequente de agrotóxicos, tanto na agricultura como na pecuária, cujo principal objetivo é controlar a proliferação das populações de ervas e de insetos que impede o desenvolvimento das pastagens e das produções agrícolas, isso somado com o uso frequente de queimadas por parte dos agricultores para limpar o solo, facilitando assim o plantio. E para harmonizar as ideias delegadas nesse parágrafo, convém abordar o seguinte trecho.

Ao longo do tempo, vem se registrando o desaparecimento progressivo de espécies nativas proporcionado, sobretudo, pelas incessantes queimadas, realizadas para limpar terrenos destinados a roçados e pastas ou pela derrubada para aproveitamento da madeira na construção civil, na produção de carvão vegetal para fornos de cerâmica, olarias e padarias e, em menor escala, para a construção de cercas. Em Sergipe, calcula-se que apenas 5%

da mata primitiva podem ser encontrados atualmente. (França e Cruz, p.98, 2007)

Segundo dados Seplantec (1997/2000) a cobertura vegetal de Aquidabã é composta por capoeira, caatinga, campos limpos e sujos, como pode ser visto no mapa da figura 05, sendo que a destruição da mata atlântica é exacerbada devido ao grande avanço das áreas destinadas ao cultivo e pecuária.

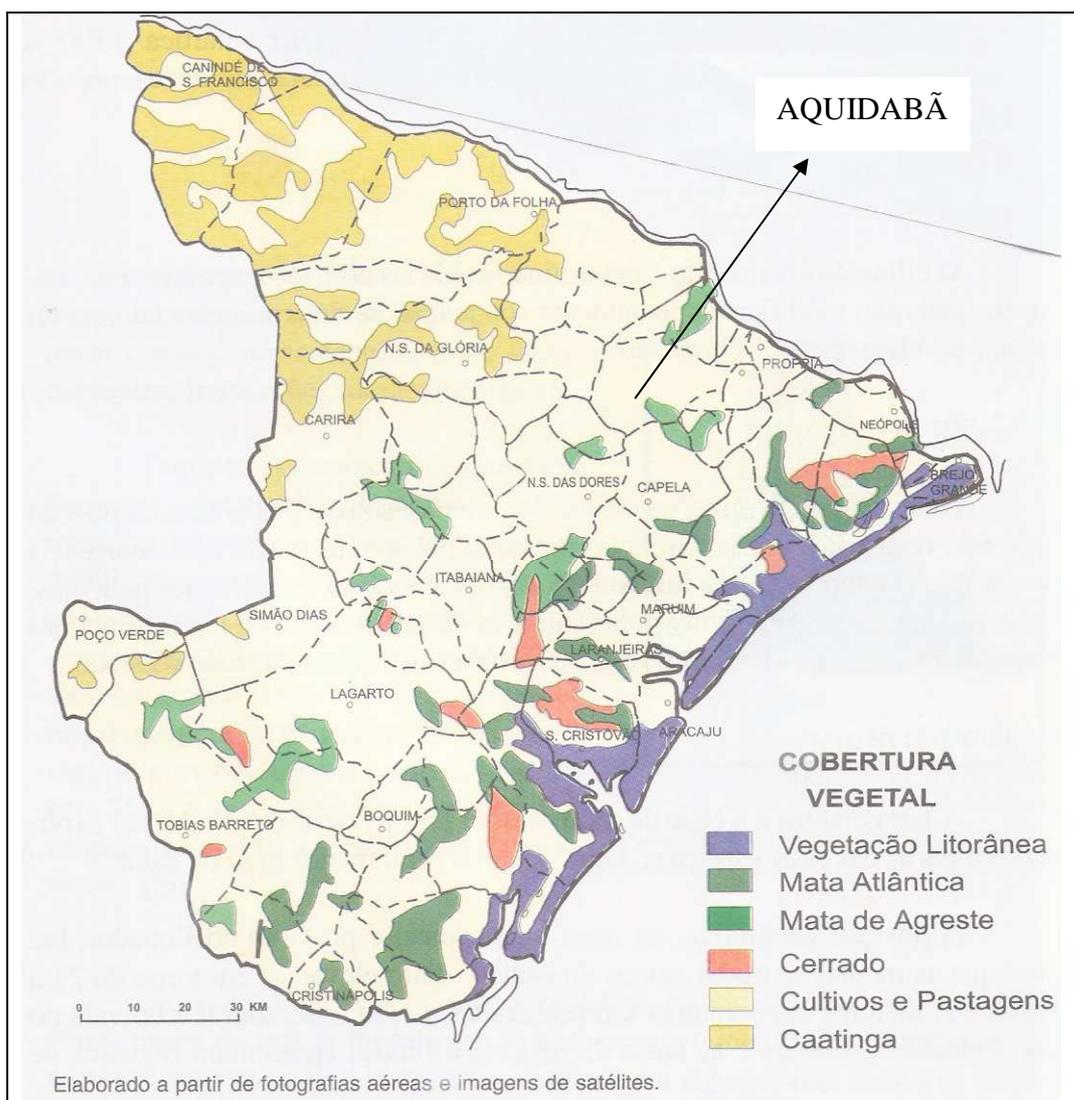


Figura 05: Cobertura vegetal de Aquidabã. Fonte: SANTOS E ANDRADE, 1998.

Partindo-se do pressuposto de que a soma dos fatores retrocitados provocam desequilíbrio ambiental em qualquer lugar, Aquidabã sem dúvida nenhuma se encontra nessa perspectiva, essa afirmativa é embasada, na observação por parte dos moradores e principalmente dos profetas que relatam a dificuldade em encontrar muitas espécies animais e vegetais que eram vistas com facilidade antigamente e serviam como instrumento de estudo para as suas previsões. O que pode ser corroborado pela afirmativa seguinte:

O canto dos pássaros, a atitude dos insetos, a conduta dos animais e o comportamento das árvores, outros tantos elementos são de que se socorrem os sertanejos para tirar conclusões sobre se, no próximo ano, haverá *seca* ou inverno. E tudo isto além de enriquecer o nosso variado folclore, constitui um corpo de doutrina, um código de sabedoria popular com que se procura deitar luz sobre o futuro. (ANTUNEZ DE MAYOLO, 1981; MAGALHÃES,1952).

De fato, é importante salientar que a agressão ao meio ambiente tem provocado a extinção de várias espécies animais e vegetas, e agregado a esse fato, muitas culturas estão desaparecendo, visto que a existência de algumas delas depende diretamente da manutenção e preservação dos ambientes naturais. O encontro dos Profetas das chuvas em Quixadá é uma prova incontestável desses fatos arrolados, pois foi criado com o propósito de manter viva a cultura de previsões populares e a cantoria dos violeiros daquela região, como podemos observar no próximo trecho.

“Essa foi a maneira que encontramos na luta pela preservação de dois importantes hábitos da nossa gente. A ciência popular e a cantoria correm o risco de agonizar diante do descrédito e do esquecimento se não fizermos algo por elas. Embora pareçam costumes simples, na realidade, carregam a essência cultural e poética da nossa gente. Nós esperamos que todos entendam e, principalmente, colaborem para a manutenção da nossa identidade”. (Diário do nordeste, 30 de dezembro de 2008)

3. MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Esta pesquisa foi realizada através de entrevistas com os lavradores, agricultores e alguns fazendeiros dos povoados Moita Redonda, Oiteiro Alto, Facão e moradores da própria cidade, no período de 01 de março a 30 de abril de 2010, através da aplicação de um questionário cujo objetivo foi convenientemente verificar o nível de conhecimento e como as pessoas de Aquidabã se comportavam diante da observação dos fenômenos da natureza, Demo (1997, p.243), assevera que “O poder do conhecimento é tão incisivo, quanto disperso. Está presente mas é difícil ver. Por vezes, parece que nem existe, porque, agindo de maneira mais qualitativa, debrulha-se em microinfluências, tão diluídas, que já não as conseguimos caracterizar”.

De certo modo, verificou-se que as pessoas mais jovens desconhecem totalmente essas culturas, contudo os mais velhos apresentam um excelente nível de conhecimento acerca desse assunto e o demonstra de uma forma complacente. Apesar de conhecerem o

tema, poucos utilizam essa prática atualmente com finalidade produtiva, pois alegam que o tempo mudou e que muitas das previsões populares atualmente não logram êxito como antigamente. Sobre as mudanças, Santos (2009, p.43) afirma que: “As mudanças são cada vez mais velozes, as verdades não mais absolutas e o impacto na vida dos indivíduos e na sociedade cada vez maior”.

A inconstância dos acertos proposta pelos profetas de Aquidabã está vinculada diretamente com a degradação do meio ambiente. Não obstante o baixo grau de escolaridade desses profetas, eles demonstraram um excelente nível de consciência ambiental, Peters (2007, p.383) aponta que o conhecimento está vinculado, “mas o resultado de um processo extremamente individual no qual unidades flutuantes de informação, que são as mesmas em todas as partes do mundo, encontram uma nova ligação antropológica”.

Com o propósito de tornar essa pesquisa mais fecunda, é bastante oportuno citar o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, nele o autor relata o drama da peregrinação de uma família que foge da seca toda vez que os sinais da natureza prenunciam tempo seco, dentro de tal perspectiva, Graciliano demonstra que a observação dos fenômenos naturais está intimamente ligada à necessidade de sobrevivência, e descreve vários trechos onde os seus personagens constantemente recorrem à natureza para tirar conclusão se o ano será chuvoso, como no trecho a seguir.

O mulungu do bebedouro cobria-se de arriboções. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. O casal agoniado sonhava desgraça. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando. Foi sentar-se no banco do copiar, examinou o céu limpo, cheio de claridades de mau agouro, que a sombra das arriboções cortava. Um bicho de penas matar o gado! Provavelmente Sinha Vitória não estava regulando. (RAMOS, 2004, p.109)

Em outro trecho do mesmo livro, Graciliano enaltece as previsões iniciais citando as observações angustiantes de Sinha Vitória, e para dar ênfase à ideia em pauta, ele diz:

“De repente, um risco no céu, outros riscos, milhares de riscos juntos, nuvens, o medonho rumor de asas a anunciar destruição. Ele já meio desconfiado vendo as fontes migrarem. E olhando com desgosto a brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes. Agora confirmavam-se as suspeitas”. (RAMOS, 2004, p.113)

Resolutos, os agricultores de Aquidabã estão começando a abolir algumas práticas que são prejudiciais ao meio ambiente como as queimadas, alguns disseram, que a terra sofre e adocece com essa atividade, e outros afirmaram que o ar fica poluído, mas alguns justificam que essas alterações não estão ligadas a nenhum agente como queimadas, uso de agrotóxico, caça predatória e destruição de florestas. Nas suas observações testemunham que são mudanças naturais, pois antigamente não se usava agrotóxicos e nem se destruía tantas florestas e a seca já provocava muito sofrimento.

Ainda que os profetas demonstrem um elevado nível de conhecimento a cerca dos poluentes do meio ambiente, infelizmente, utilizam de uma forma regular e constante agrotóxicos nas suas propriedades, argumentam que a aplicação desse agente químico facilita o manejo, reduz significativamente o uso de mão de obra empregada no cultivo da terra, além de promover uma economia considerável e sobretudo propicia uma produção mais rápida. Deste modo, Lisbôa (2009, p.13), afirma que, as mudanças têm levado a sociedade a uma busca incessante pelo consumismo e, sobretudo pelo lucro, como no trecho a seguir:

As grandes transformações globais com seus elementos de informatização e da sociedade do conhecimento são também fatores que caracterizam a vida atual. Os valores e as crenças passadas ainda marcam a sociedade atual, embora se assista à falência do modo de educação, economia, política, cuja preocupação central está voltada para a tecnologia, para o consumo e o lucro. (LISBÔA, 2009, p.13)

Em Mariana, cidade localizada no interior de Minas Gerais, as previsões do tempo são feitas há mais de 140 anos, através das Folhinhas Eclesiásticas de Mariana, esse tipo de previsão baseado nessas folhinhas já se tornou patrimônio histórico dessa cidade, e muitos dos moradores de Mariana garantem que, quando há uma diferença entre o que é previsto pela folhinha ao fato ocorrido naquele mês ou dia, brincam dizendo, foi o tempo que errou e não a folhinha. O segredo de suas previsões é fruto de estudo pleno do livro Lunário Perpétuos, mais conhecido no Nordeste brasileiro como Almanaque de Cordel. João Leite Neto, um dos maiores nomes da literatura de cordel, escreveu de forma salutar o calendário para o ano de 2000, como será visto a seguir.

Com Deus pai ajudando a minha pena
A minha idéia cria força e confiança
Levando a todos, otimismo e esperança
E vem aí estiagem não pequena

Na esperança do tempo entra em cena
Deus do céu nos estenderá a mão
Algumas chuvas cairão molhando o chão

Reatando um inverno médio e fino
Isto é calendário nordestino

Na estiagem do nordeste a fome cresce
O povo olha o céu com desespero
Reparando se vem um aguaceiro
Depois se não vem, tudo entristece

E o sinal de chuva desaparece
Se alguém ver o céu da cor de anil
Tentando erguer a riqueza do Brasil
Isto é chuva em toda região
Nordestinos, leia com mais atenção,
Os prognósticos do ano de 2000.

4. PREVISÕES FOLCLÓRICAS EM AQUIDABÃ

Em Aquidabã as pessoas do campo sempre observaram a natureza com um propósito peculiar, prever se o ano será chuvoso ou se as chuvas cairão dentro do período esperado por todos. Essa prática para os aquidabanenses foi de relevância incalculável, pois através dela os homens do campo decidiam que tipo de cultura seria mais adequada para aquele ano e quantos animais eles poderiam manter nas suas propriedades no referido período de tempo.

Os animais foram os mais utilizados em suas observações, mais de dez espécies foram citadas, entre mamíferos, aves e insetos, sendo que o último mencionado foi o mais lembrado. Todos os agricultores entrevistados citaram o comportamento das formigas cortadeiras (*Atta spp*), eles alegam que o surgimento de asas em formigas é sinal evidente de que as chuvas cairão no máximo em quinze dias, além do aparecimento das asas, lembraram que as formigas trabalham com mais intensidade para juntar alimentos e cobrem a entrada do formigueiro toda vez que percebem a iminência de chuva.

Ainda fazendo referência ao grupo dos insetos, eles relatam que as libélulas (*Oxygaster curtisii*) inseto predador de moscas e mosquitos, quando voam próximo ao chão é sinal de que as chuvas se aproximam, lembraram também dos cupins (*Cryptotermes brevis*), afirmam que, assim como as formigas, esse inseto quando cria asas é sinal de chuva próxima. Além disso, fizeram referência ao piolho-de-cobra (*Iulus sabulosus clindroiulus*) disseram que, quando cavam um buraco e encontram esse inseto próximo, significa que virá chuva em breve, quando ele é encontrado com muita profundidade significa chuva distante.

O pássaro três-potes (*Aramides cajanea*), presente em todo Brasil, com hábito parcialmente noturno, seu canto também é utilizado como fonte de estudo por parte dos profetas de Aquidabã. Esses relataram que antigamente essa ave era o primeiro sinal que eles observavam, quando esse pássaro cantava de madrugada as chuvas caíam no máximo três a quatro dias. Abaixo, foto 6, do pássaro três-potes, retirada no Parque Olhos D água, em Brasília.



Foto 06: Três-potes. Fonte: BRANDÃO, 2009.

O pássaro acauã (*Herpetotheres cachinnans*) é uma espécie de falcão, encontrado desde a Argentina, passando pelas florestas tropicais do Brasil, é um grande predador de cobras. No nordeste brasileiro seu canto é muito famoso, servindo de inspiração tanto para a criação de canções como para previsões populares das chuvas. Os profetas de Aquidabã utilizam o canto desse pássaro com o objetivo de prever as condições climáticas de cada ano, arbitram que esse pássaro quando canta em árvore seca ao meio-dia, significa que o ano vindouro terá pouca chuva, e quando ele canta em árvore verde também ao meio-dia, pondera-se que o ano será chuvoso. Abaixo, foto 6, do pássaro acauã retirada em Aiuaba/CE, e foto 7 do mesmo, retirada em Barão de Megaço/MT.



Foto 07: Acauã. Fonte: ALBANO, 2006.



Foto 08: Acauã. Fonte: QUENTAL, 2009.

Os profetas afirmaram também, que as galinhas (*Gallus gallus domesticus*), quando abrem as asas ao meio-dia e ficam deitadas, expostas ao sol, significa chuva próxima, além das galinhas, citaram o pássaro João-de-barro (*Furnaris rufus*), esse pássaro é considerado o símbolo da Argentina desde 1928, é encontrado na Argentina, Brasil, Paraguai e Bolívia. Em Aquidabã a posição com que essa ave constrói o seu ninho é parâmetro para que os agricultores concretizem as observações do tempo. Em síntese, quando o seu ninho é construído voltado para o nascente denota sinal de tempo seco, quando é construído voltado para o poente, denuncia que o tempo será chuvoso. Abaixo foto 09, do pássaro João-de-barro.



Foto 09: João-de-barro. Fonte: CASTRO, 2006.

Além dos animais, muitas espécies de vegetais foram citadas pelos profetas, que lembraram com muita frequência da árvore Cedro (*Cedrela fiáilis Vell*), essa planta ocorre em diversas formações vegetais brasileiras e em praticamente toda América tropical. Os profetas de Aquidabã afirmam que esta árvore quando libera um mau cheiro muito forte é sinal inegável que a chuva está próxima.

Do mesmo modo, citaram o Mandacaru (*Cereus jamacaru*), planta típica da caatinga nordestina, esse tipo de cacto coloca uma flor branca muito bonita que só dura um período noturno, ou seja, desabrocha ao anoitecer e ao amanhecer sua flor começa a murchar. Essa planta é muito utilizada durante o período de seca na alimentação dos animais, e também pelos profetas das chuvas, que buscam através dessa árvore a confirmação das suas profecias, afirmaram que essa árvore quando coloca muitas flores na seca significa que o ano será chuvoso e quando ele flora pouco ou não flora é sinal de mau tempo. Assim o cantor Luiz Gonzaga dá essência com maestria a essa previsão popular cantando a música Xote das

Meninas, “Mandacaru quando fulora na seca é sinal que a chuva chega no sertão... “ A foto 10 mostra um fenômeno difícil de ser observado que é uma flor do mandacaru desabrochada.



Foro 10: Flor de mandacaru. Fonte: STECK, 2007.

O juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart) é uma árvore típica do nordeste brasileiro, considerada uma planta especial, porque, mesmo com seca muito prolongada se mantém frondosa, com isso, propicia sombra aos rebanhos e aos sertanejos, além de tudo, suas folhas são muito utilizadas na alimentação dos animais. No tocante às previsões do tempo, segundo os pensadores das previsões, essa árvore denuncia o tempo através da produção dos seus frutos, afirmando que, no ano em que essa árvore produz muitos frutos, isso significa que o ano será chuvoso, ao contrário o referido ano será escasso de chuvas. Essa árvore além de denunciar se o ano será chuvoso, demonstra com precisão quando as chuvas cairão, pois os profetas afirmam que as chuvas só caem quando os frutos do juazeiro estão maduros.

A ingazeira (*inga cylindrica*) é encontrada no nordeste do Brasil e também no Rio de Janeiro e no Paraná, seu nome é de origem indígena e significa ensopado ou empapado. Segundo os lavradores de Aquidabã, essa árvore é indispensável para as suas previsões, ao passo que, só produzem flores, quando as chuvas se aproximam.

O lavrador Jileno Silva de 70 anos, afirmou que de acordo com as suas previsões o ano de 2010 será de pouca chuva, pois observou que as mangueiras (*Mangifera indica* L.), jenipapeiros (*Genipa americana*) e os pés de adicuri (*Cocos coronata*) tiveram uma produção muito grande, e de acordo com sua experiência todos os anos que esse fato ocorre a chuva é escassa.

A cana de açúcar (*Saccharum officinarum*)- segundo o lavrador José dos Santos (Piaba) de 57 anos, morador do povoado Oiteiro Alto, esse vegetal quando produz pendão como capim, é indício concludente de que o ano será de pouca chuva, o que vem a colaborar

com as previsões proferidas por senhor Jileno Silva já citado anteriormente. As fotos 11 e 12 da cana com pendão, retiradas em Aquidabã, em 23 de maio de 2010.



Foto 11: Cana de açúcar. Fonte: FILHO, 2010.



Foto 12: Cana de açúcar. Fonte: FILHO, 2010.

A barra de Natal - essa experiência foi citada pela maioria dos entrevistados, e relataram que, no dia de Natal eles acordam três e meia da manhã e observam o nascer do dia, se o horizonte estiver carregado de muitas nuvens é sinal que o ano será chuvoso, se aparecer poucas nuvens é sinal de um ano pouco chuvoso ou seco.

Os círculos da lua - segundo eles quando a lua apresenta um círculo próximo significa chuva distante, e quando o círculo é muito afastado desse satélite, presume-se que as chuvas cairão em breve.

As pedras de sal - no dia 31 de dezembro de todos os anos eles colocam doze pedras de sal em uma tábua, numa sequência que indique a ordem dos meses do ano, e ao amanhecer do dia primeiro de janeiro, verifica-se em cada pedra o grau de derretimento. Esse derretimento será proporcional à quantidade de chuva de cada mês, o mês que apresentar a maior quantidade de umidade, significa ser esse o mais chuvoso.

A neblina - ocorre com maior frequência no inverno, é um fenômeno natural provocado pelo resfriamento do ar quente em contato com o solo frio ou superfície líquida. Para os profetas de Aquidabã, quando amanhece e a neblina está muito próxima ao solo, significa que o dia será de sol, quando a neblina, durante o amanhecer, se encontra muito longe do solo, conclui-se que o dia será chuvoso.

O vento - de acordo com os profetas de Aquidabã, o vento tem a capacidade de impedir a ocorrência de chuvas, alertam que, mesmo em dia muito nublado que indique incontestavelmente que vai chover, se ocorre muitas rajadas de vento garantem que a chuva não se concretizará.

Santo Antônio - segundo o senhor Genivaldo Alves dos Santos de 65 anos, antigamente, os moradores acreditavam que ao roubarem a imagem de Santo Antônio da casa de algum morador daquela região, fazia com que as chovias caíssem dentro do esperado por todos, quando as chuvas caíam era motivo de festa, organizavam uma procissão para efetuar a devolução da imagem do Santo à casa do seu verdadeiro dono.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As previsões folclóricas das chuvas representam a identidade do sertanejo, povo esse que traz um histórico de sofrimento, marcado pela inconstância climática e pela ausência do poder público. Os profetas tornaram-se personagens típicos do nordeste brasileiro, assim como as parteiras e o cangaço, por representar a única esperança dos populares do nordeste do Brasil. Entretanto, no decorrer das últimas décadas essa cultura está sendo esquecida pelos nordestinos, devido à utilização frequente dos meios de comunicação e principalmente pela destruição do meio ambiente.

Contudo, o que se discute aqui não é simplesmente a manutenção de uma cultura que está agonizando, mas sim o comportamento humano e a preservação de várias espécies animais e vegetais, que estão sendo exterminadas ao longo dos anos, devido à má condução do processo evolutivo. Quanto mais evoluímos neste campo, regredimos na mesma proporção no que há de mais importante para humanidade que é a sensibilidade, nos tornamos seres pedantes, desumanizados, menos tolerantes e socialmente menos afetivos. O trecho a seguir mostra de forma harmoniosa a importância da sensibilidade humana.

Educar a sensibilidade é mais importante do que ensinar núcleo atômico ou as forças do universo. É estudar o mais fundamental de todos os universos, o psíquico, é investigar o mais fundamental e invisível de todos os núcleos: o intelecto. Decifrar o mais fundamental da sensibilidade é refinar a arte de sentir, inspirar, aspirar, ver, perceber. (CURY. 2008, p. 119)

Como diziam os romanos: *ubi homo, ibi jus*, ou seja, onde existem homens, haverá direito (MOTTA, 2007). Análogo a esse fato não podemos nos mostrar gélidos diante da necessidade que o homem apresenta em evoluir, contudo, que a busca por esse direito, não viole o direito de preservar a natureza, a cultura e o próprio homem. No entanto, devemos nos curvar diante da importância dos eméritos profetas do tempo, que sempre usaram a natureza

de uma forma sábia, retirando dela os sinais que permitiram a sua sobrevivência, sem que para isso, exterminassem várias espécies animais e vegetais de uma forma irracional.

Percebe-se que, os lavradores de Aquidabã estão cientes de que a degradação do meio ambiente juntamente com a criação da meteorologia, aliado à falta de interesse dos mais jovens, levou essa cultura de prever o tempo através da observação da natureza ao descrédito e ao esquecimento. Portanto, essa pesquisa objetiva assegurar o direito das próximas gerações conhecer essa prática, que traz a essência e a grandiosidade cultural do povo de Aquidabã.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ABERLADO MONTENEGRO. Os Profetas da Esperança. Disponível em: www.graupos.com.br/blog. Acessado em: 11/04/2010.

AÉCIO SANTIAGO E JOSÉ LEOMAR. Profetas do Tempo. Disponível em: www.istoe.com.br/.../1641_profetas. Acessado em: 11/04/2010.

ALINE ANGELI (2005). Identificação de espécies florestais. Disponível em: www.ipef.br. Acessado em: 22/05/2010.

ALVES, Márcia Brito Nery; A reafirmação do lugar na geografia contemporânea a partir do conceito de solidariedade geográfica; Universidade Federal de Sergipe; Aracaju; páginas 1 a 17.

ALEX PIMENTA. Encontro de Profetas da Chuva. Disponível em: www.diariodonordeste.globo.com. Acessado em: 11/04/2010.

AMÉLIA PEREIRA BATISTA PORTO. Fazendo Previsão do Tempo. Disponível em: www.portaldoprofessor.mec.gov.br. Acessado em: 01/04/2010.

ROBERTO EMERSON CÂMARA BENJAMIN. O almanaque de cordel – informação e educação do povo. Disponível em: www.grund.com.br/col_robertob.html. Acessado em: 03 de abril de 2010.

CAVALHO, Eleuda de; TARDDEI, Renzo. Profetas da Chuva – Clima de Ansiedade Coletiva. Revista Raiz, São Paulo, P. 72, 01 de fevereiro de 2006.

CORRÊA, Antônio Wanderley de Melo e ANJOS, Marcos Vinícius dos; História de Sergipe para Vestibulares e outros Concursos; Aracaju; Info Gráfica e Editora; 2007; páginas 13 a 14.

CURY, Augusto; O código da inteligência; Rio de Janeiro; Thomas Nelson Brasil; 2008; página 119.

DEMO, Pedro; Pesquisa e construção de conhecimento; Rio de Janeiro; Tempos Brasileiro; 1997; página 243.

DISTRITO SANTANA (1974). Acauã- O falcão sorridente. Disponível em: www.distritoacaua.hpg.ig.com.br. Acessado em: 22/05/2010.

ELEUDA DE CARVALHO. Profetas da Chuva. Disponível em: www.revistaraz.uol.com.br/portal. Acessado em: 01/04/2010.

Eniceu Lisboa; Educação e tecnologias: Parcerias e Transformação; Cadernos Atlântico de Pós-Graduação, nº 03; 2009; 12 a 29.

FLÁVIO BONANOME. Profetas da Chuva. Disponível em: www.edhorizonte.com.br. Acessado em: 05/04/2010.

FOLHES, Marcelo Theophilo e DONALD, Nelson; Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: O conhecimento popular à serviço da ciência; Sociedade & Natureza, Uberlândia; 2007; páginas 19 a 31.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves e CRUZ, Maria Tereza Souza; Atlas escolar Sergipano: espaço geo- histórico e cultural; João Pessoa; Grafset; 2007; pagina 98.

GLOBO VÍDEOS (2010). Folhinhas de Mariana. Disponível em: www.video.globo.com. Acessado em: 10/03/2010.

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE; Projeto cadastro da infra-estrutura hídrica do nordeste; Diagnóstico do município de Aquidabã; 2002; páginas 1 a 14.

MAGALHÃES, J.; Previsões folclóricas das secas e dos invernos no nordeste brasileiro; Revista do Instituto do Ceará, n. 66; 1952; p. 253-268. FOLHES, M. T.; SANTANA, C. S.; MAYORGA, M. I. O; MAYORGA, R. D.; A influência do sistema de previsão climática na tomada de decisão dos agricultores do estado do Ceará; In: BARRADAS, M.N. (ORG). Desenvolvimento sustentável: em busca da operacionalização. UFC, 1999.

MARCELO SZPILMAN (1997). Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Disponível em: www.institutoaqualung.com.br. Acessado em: 22/05/2010.

MOTTA, Sylvio; Direito constitucional; Rio de Janeiro; Elsevier; 2007; p.04

PETERRS, Otto; A educação a distância em transição; São Leopoldo; Unisinos; 2004; página 383.

RAMOS, Graciliano; Vidas Secas; Rio de Janeiro; Record; 2004; paginas 109 e113.

RITA CÉLIA FAHEIRA. Profetas da Chuva Prevêem Inverno Bom. Disponível em: www.opovo.uol.com.br/opovo/ceara. Acessado em: 01/04/2010.

SANTOS, Adelci Figueiredo e ANDRADE, José Augusto; Nova Geografia de Sergipe; Aracaju; Universidade Federal de Sergipe; 1998; pagina 47.

SANTOS, Renata Maria dos; Pesquisa e construção na era das novas tecnologias da informação e da comunicação; Caderno Atlântico de pós-graduação nº 03; 2009; páginas 43 a 54.

THAIS PACIEVITCH (2008). João de Barro. Disponível em: www.infoecola.com. Acessado em: 22/05/2010.